

**XVIII Encontro Nacional de Economia Política - SEP**  
**Sessões de Comunicações**  
**Área: Capitalismo e Espaço**  
**Sub-área: Economia Regional**  
**28 a 31 de maio 2013 – Belo Horizonte - MG**

Gilberto Sousa Marques<sup>1</sup> José Raimundo Barreto Trindade<sup>2</sup> Rodrigo Portugal da Costa<sup>3</sup>

**CAPITAL MONOPOLISTA NA MINERAÇÃO DA AMAZONIA**

Área: Capitalismo e Espaço  
Sub-área: Economia Regional

**Palavras-Chaves e Key-Words:** Mineração; Monopólio; Amazônia

**RESUMO**

O capital monopolista está presente no capitalismo atual de uma forma mais globalizada e dinâmica, através de um grande aglomerado de empresas monopolistas que disputam mercado no espaço mundial. A Amazônia está inserida neste processo, através das grandes mineradoras que aqui se instalaram como a Vale, a Hydro e Alcoa. Neste contexto, a composição acionária das empresas é formado por três atores, o Estado, o Capital Financeiro Internacional e as Empresas Monopolistas. Essa composição acionária só foi possível pela concentração e centralização de capitais pelas quais passaram as empresas monopolistas. Dessa forma, o texto visa discutir e analisar as empresas minerais que atuam em solo paraense, através de suas composições acionárias, bem como a relação estreita entre os três atores na disputa política e econômica deste setor, sempre analisando as características da empresa monopolista e seu grau de concentração e centralização.

**ABSTRACT**

Monopoly capital is present in contemporary capitalism in a more globalized and dynamic form, using a large cluster of monopolistic companies vying for market in the world. The Amazon is inserted in this process by the big miners who settled here, as Vale, Hydro and Alcoa. In this context, the ownership structure of the companies is formed by three actors, the State, Financial Capital and Monopolistic Firms. This shareholding was only possible by concentration and centralization which passed monopolistic firms. Thus, the text aims to discuss and analyze the companies working in mineral soil of Pará, through its shareholding compositions, as well as the close relationship between the three actors in the political and economic dispute of this sector, always analyzing the characteristics of the monopoly and its degree of concentration and centralization.

**REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Para Marx (1982) o capital conduz a um aumento dos capitais individuais e do número de capitalistas. Existe um aumento da acumulação por parte dos capitalistas, caracterizando a concentração de capital pela captura do trabalho excedente gerado pelo trabalhador. Mas durante este processo, ocorre concentração de capitais nas mãos de alguns capitalistas. Nessa etapa, é verificada a expropriação do capitalista pelo próprio capitalista, não atuando mais num clima de geração de mais capital, mas sim absorvendo aquele capital que já está formado, num processo de

---

1 Doutor em Economia UFRJ e Professor da Faculdade e do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Pará.

2 Doutor em Economia do Desenvolvimento UFPR e Professor da Faculdade e do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Pará.

3 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal e Economista do Banco da Amazônia S.A.

mudança de mãos do capital já existente nas mãos de um só, dando início ao processo de centralização. Hilferding (1985) diz que o processo de concentração, as barreiras às movimentações de capitais e os acordos entre as empresas dão origem aos monopólios, o que é ressaltado por Baran e Sweezy (1974), onde o sistema capitalista leva a centralização e concentração de capital e as empresas monopolistas têm poder de influenciar o mercado. E para Souza (1985), existe uma relação muito próxima entre Estado e corporações transnacionais, um agindo no campo econômico e outro no político, sempre interagindo entre si.

## **COMPOSIÇÃO ACIONÁRIA DAS MINERADORAS**

A grande mineração industrial na Amazônia brasileira já conta com aproximadamente seis décadas. Foi inaugurada com a exploração de manganês no Amapá, descoberto em 1945 e explorado por uma associação entre uma empresa brasileira e a grande multinacional norte-americana da siderurgia do logo após Segunda Guerra Mundial, a Bethlehem Steel. No final dos anos 1960 ocorreram novas descobertas minerais, particularmente no Pará, impulsionadas por gigantes da mineração mundial (US Steel e Alcan, por exemplo). Paralelo a isso, o governo militar atuou ora como parceiro imediato do capital multinacional e mesmo privado nacional na exploração mineral, como foi o caso inicial do ferro de Carajás-PA e do beneficiamento da bauxita em Barcarena-PA, ora foi ele próprio produto direto – como foi o caso da exploração do ferro de Carajás pela Companhia Vale do Rio Doce depois que o governo brasileiro adquiriu a parte da US Steel neste empreendimento. A grande exploração mineral industrial na Amazônia respondia aos interesses dos governos militares, mas, também, das grandes multinacionais (fossem produtoras de minérios, fossem consumidoras) que buscavam fontes lucrativas e de baixo custo.

Nos anos 1990 a Companhia Vale do Rio Doce foi privatizada por R\$ 3,3 bilhões, mas continuou a contar com a presença do Estado, direta e indiretamente, para seu aumento de produção e expansão externa, consolidando-se como a segunda maior mineradora do planeta, presente em todos os continentes habitados do mundo. O BNDES foi fundamental para isso.

O capital financeiro é elemento chave na exploração mineral e representa o grande interesse por trás das empresas mineradoras. Os capitais interagem entre si. Monopolistas, setor financeiro, Estado e até capitais não monopolistas, como é o caso da mineração Colossus.<sup>4</sup>

Para avaliarmos melhor a presença do capital financeiro no controle das empresas, estudamos os casos da Imerys, Serabi, Cadam e Vale. A mineradora inglesa Serabi é composta por nove diferentes acionistas na sua composição. A maior parte é controlada pela Eldorado Gold Corporation (26,33%), uma empresa canadense, que possui na região do Tapajós a concessão de lavra da área do Tocantinzinho, Piranhas e Água Branca. A Greenwood Investments, detentora de 18,12% é um fundo de investimento diretamente relacionado com propostas ambientais no Brasil. O lema do fundo é “We develop tree farms and forestry projects in Brazil on degraded or pasture land in areas that have historically been misused”. Isto é, ele apóia e desenvolve projetos de reflorestamento em áreas degradadas. O que pode mascarar o interesse do grande capital nas áreas ainda pouco exploradas da Amazônia oriental. O F&C Investments, assim como o Fratelli são fundos de investimentos europeus que detêm quase 10% da empresa, enquanto o Novadan é canadense. Os demais fundos possuem uma participação menor.

A Imerys é outro caso similar. Sua composição acionária é uma demonstração do capitalismo globalizado e monopolista. A empresa Belgian Securities BV (BSBV), que apesar do nome é holandesa, detém 56,2% do capital votante da Imerys. A BSBV é controlada pelo grupo GBL, que integra a Pargesa Holding S.A, que por sua vez detém ações no banco PNB Paribas, o maior da França. A Pargesa é uma holding com atuação em diversos setores e controla, além da Imerys, a Total S.A, maior fornecedora de energia da França e a quarta maior companhia de óleo e gás do mundo; a Suez S.A, uma empresa de geração e água, energia e tratamento de resíduos; e da

---

4 Ela estuda uma parceria com uma cooperativa de garimpeiros localizada próxima a Serra Pelada, combinando contratação de mão de obra experiente para a extração e fornecendo a tecnologia necessária para a lavra. É a convivência do capital financeiro monopolista com uma pequena cooperativa de garimpeiros.

Lafarge, empresa de fabricação de cimento e materiais de construção.

O capital financeiro não é apenas privado, mas também pode ser estatal, como é o caso da CADAM – produtora de caulim. Em 1982, numa transação na qual o Estado nacional, em consonância com sua política, injetou recursos e estabeleceu favores tributários, a Cadam passou para as mãos do grupo Caemi, atuando nesse processo o Banco do Brasil e o BNDES. (MONTEIRO, 2005). Em outras palavras, o Estado através de seus bancos, seja de desenvolvimento ou comercial, aportou capital sobre uma empresa de mineração, explicitando uma interação íntima e coligada entre Estado, instituições financeiras e setor produtivo, o mesmo ocorrendo com a CVRD.

A atual VALE é a maior empresa privada do Brasil. Sua composição acionária é formada pela Valepar (um consórcio formado por cinco empresas, que em 1997 adquiriu o controle da então Companhia Vale do Rio doce do governo brasileiro, como parte da primeira etapa de privatizações da companhia) e o BNDESPAR, braço para investimentos do BNDES. A Valepar foi uma sociedade constituída com o único propósito de ter uma participação significativa na Vale. A Litel, maior acionista é composta por fundos de investimentos do Banco do Brasil. Esse consórcio possui quase 53% das ações ordinárias da companhia, enquanto que o BNDESPAR, 6,7% e os diretores e executivos do grupo, menos de 1%. O restante é composto por ações negociadas no mercado. É importante frisar que o governo brasileiro possui 12 goldenshares, ações especiais com poder de veto sobre certas decisões da empresa, como mudança da razão social, localização da sede e objeto social, devido ser relacionada com a atividade de mineração.

O governo federal, mesmo tendo vendido a empresa em 1997 continua mantendo preferências sobre determinadas decisões dentro da companhia, no entanto em decisões como a substituição do presidente, é necessário 75% das ações ordinárias, o que leva o governo a ter influencia política sobre os demais membros da Valepar, principalmente sobre o Bradesco, que é o maior acionista depois das instituições estatais. A Vale ainda continua sob influência de forma indireta do governo federal. Somadas, as ações do Banco do Brasil e do BNDES compõem mais de 60% das ações da Valepar.<sup>5</sup>

## CONCLUSÕES

O capital monopolista se torna claro na composição acionárias das empresas mineradoras atuantes na região amazônica. Elas se compõem de grandes corporações espalhadas pelo globo, em busca de maiores retornos sobre o capital investido. O capital financeiro é um ator importante na composição acionária, da mesma forma que o Estado tem participação e influencia na tomada de decisões, interagindo entre si num jogo político econômico pela busca do poder. O capitalismo encontra-se centralizado em poucas empresas monopolistas que competem entre si num ambiente global, e estas são controladas pelo grande capital, perpetuando a lógica da acumulação do trabalho, porém numa esfera superior e mais complexa.

Na Amazônia, empresas como Vale, Hydro, Imerys e Cadam são dominadas por diferentes tipos de capitais que formam a fase superior do capitalismo, o monopolismo. O capital busca extrair os recursos minerais abundantes e se beneficiar ao longo da cadeia produtiva para perpetuar seu estágio monopolista. Atividades "isoladas" estão interligadas entre si, comprovada pelo alto nível tecnológico que a extração mineral apresenta na região, comparável aos demais recantos do planeta.

Portanto, não se pode mais falar na Amazônia como uma região isolada do restante do planeta, ela está conectada através das empresas monopolistas que são gerenciadas por diversos interesses que agem em escala global.

---

<sup>5</sup> Além da Vale, a Hydro, outra importante companhia de mineração também possui como maior acionista um governo nacional, a Noruega.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARAN, Paul e SWEEZY, Paul. **Capitalismo Monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª ed.,1974. Cap. 2, p. 24 - 59

HILFERDING, Rudolf. **O Capital Financeiro**. Tradução de Reinaldo Mestrinel. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Difel, 1982.

MONTEIRO, Maurílio. **Meio século de mineração industrial na Amazônia e suas implicações para o desenvolvimento regional**. Estudos Avançados v.19 n.53 Jan./Apr. 2005.

SANTOS, Theotonio dos. RCT – Concentração tecnológica. In:\_\_\_\_\_. **Revolução Técnico Científica e Acumulação de Capital**. Tradução de Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1987. Cap. II, 69-120.

SOUZA, Herbert José de. **O Capital Transnacional e o Estado**. Petrópolis, Vozes, 1985. 160 p.